

## Convergencia - Grupo de trabalho -Unheimliche

### Sleep No More

Nota de viagem. Que experiência, assistindo - não é bem o termo, participando do espetáculo *Sleep No More*, em NY. O contato no site já criava a atmosfera apresentando o McKittrick Hotel. Reza a lenda que era um hotel de luxo, pronto para abrir em 1939 e que foi condenado, semanas antes, logo no início da Guerra. Não fica clara a história da condenação ou ainda se isso já faz parte da narrativa do jogo. Eles dizem - fechado por mais de 70 anos, o hotel reabre nestes últimos tempos transformado em espaço da performance.

O teatro desdobra o trabalho interativo em suas dependências, pelos andares do prédio. O Sleep é considerado um "promenade theatre", se caminha por ele, ou mais: se caminha *com* ele. Criado pela Companhia britânica de teatro Punchdrunk ( o nome!) vem da Inglaterra e estabelece nos EUA algumas parcerias.

Feita a compra dos ingressos retorna o e-mail com as instruções e começa o ritual: você deve ir com sapatos confortáveis ( pois pode ficar horas em transito pelo hotel), nada de bolsas, entra só com o que está no corpo; se usa lentes de contato deve ir com elas(!?), pois lá vai precisar circular de máscara ( no estilo fantasma da ópera). Além disso é anunciado que se vai entrar em um ambiente - um bar - e esperar. Cada um deve receber uma carta de baralho e aguardar o chamado do ator que com essa carta identifica os que vão acompanhá-lo ao próximo passo. Pronto, está criado o mistério.

Ao longo do espetáculo se criam circuitos próprios. É possível tanto acompanhar os atores, como ficar nos espaços onde seguem cenas e acontecimentos, ou seja, cada um vai montando o roteiro da sua experiência.

E mais: é Macbeth. A peça de Shakespeare sendo encenada, totalmente sem fala, sem diálogo algum. Cenas e dança.

Me preparando, retomava a narrativa da terrível história da ganância e poder na tentativa de Macbeth em interpretar as profecias das feiticeiras, o que vai empurrando a ação; a incrível personagem de Lady Machbeth, os assassinatos, as visões delirantes e as crenças naquilo "que se quer ver", mas que não se sabe decifrar. Tudo isso, o antes da peça.

Depois, voltando da experiência do Sleep No More, o que dá prá dizer fica em um território ainda flutuante...

Primeiro, nos conduzem a uma entrada, um pequeno labirinto completamente escuro, um percurso para fazer a travessia, não se sabe o que tem na frente e se vai tateando, há uma tensão do tempo, até a chegada no bar. Como um tempo sublinhado em sua duração para entrar em outra dimensão. Primeiro elemento do Unheimlich, e Freud o sublinha como crucial: a desorientação.

Esse "outro lugar" vai se manifestando.

"Seja bem vindo a Manderley" diz a recepcionista do bar vestida de década de 30, 40....

Manderley? Mas essa não é a mansão de Rebecca, do Hitchcock?

As garçonetes, os personagens vestidos a rigor, e as gentes das outras mesas que vão chegando... Começam a nos surgir as dúvidas, a passagem, os contornos vacilando: esses aí da mesa do lado são espectadores ( como nós) ou atores? E aquela outra? E o lá na porta? Minha carta: um ás de ouros. O bar, todo vermelho, gelo seco, luz mortiça, coquetéis até de

absinto. Logo fomos chamados, os do grupo do

ás, para a sequência. A entrega das máscaras que devemos usar todo o tempo vem acompanhada da seguinte consigna: dali para frente não se pode falar. Entramos.

Os primeiros ambientes já compõem um acontecimento estético que incita a irrealidade: a cenografia, a criação de lugares e passagens impressionantes. Ambientes domésticos ( heim). Quartos, sala de estar. Quartos de crianças, suas roupas, seus objetos, tudo na penumbra criando um tom sépia... de um outro tempo? tudo muito detalhado e preenchido, um mundo de objetos de tempos e espaços sobrepostos. Ao longo de quase três horas vamos percorrer vários andares, sempre pouquíssima luz e tudo muito, muito trabalhado. Espaços preenchidos de forma totalmente onírica.

De fato, a gente se perde de muitas maneiras, assim como busca se situar e acaba fazendo nexos muito loucos. Estamos em ambientes onde parte é reconhecimento, parte é estranheza, não se atina o sentido, e vamos adiante entre a entrega dos sentidos e do sonho e a tentativa de recosturar, de ler, de produzir sentido. "Lire et délire", lembro o dizer de Paul-Laurent Assounem seu "metapsicologia do ler".

E esse é o efeito fortíssimo da experiência e da criação que eles conseguem produzir. E que me fez pensar na relação íntima da arte com essa passagem pelo estranho, quase Unheimlich - não fosse o lúdico, o caráter de jogo que nos acompanha e nos "protege". Do Unheimlich freudiano temos ainda outros elementos fortes: é algo que nos deixa indefesos, não se sabe quando chega, sua proveniência é indeterminada; o estranho se arma em torno de nós, é insidioso e ao mesmo tempo súbito, é fantasmagórico.

Um fragmento: passei pelos ambientes e personagens iniciais pensando - bah, mas isso não é Macbeth... Será que mudou a temporada? Talvez seja agora Hitchcock, pois iniciou por Manderley, quem sabe? E pelos escritórios que estavam montados, livros, sequencias de ambientes gavetas muitas, prateleiras, pilhas, listas, classificações de toda ordem, caixas, arquivos, pensei, tentando me reorientar - nada de Hitchcock, é cenário de Kafka. Sobre seus temas. É o estranho na loucura da burocracia... E seguia tentando segurar esse fio. Outro andar, um laboratório, agora prateleiras com vidros e vidros de sapos conservados no líquido, e os bichos empalhados? Sobe, desce escadas, mas e agora, esse Hospital? As medicações, as camas enfileiradas, as camisolas de hospital dependuradas, as fichas dos pacientes, um laudo de depressão, a cena mulher que parece em possessão demoníaca? Certo, achei, pode ser a burocracia e a loucura, é Kafka, sim.

Mas e agora, e essa mulher lavando as mãos do sangue que cobria as mãos do homem? Cena terrível e maravilhosa. O salão, a banheira branca, o homem entra, sangue pelas mãos e braços. Ela o despe, o banha. Depois fica só e lava desesperada e repetitivamente suas mãos... Sim, isso é Macbeth... As manchas do sangue que não saem...

Frio no outro andar, e esse bosque? Arbustos, ciprestes... É mesmo Macbeth, o bosque da profecia que anda em direção ao castelo... Mais adiante um cemitério, pisamos em terra, e estátuas ( vivos ou pedra? ) por entre as cruzes no chão...

E numa dessas, uma mulher me toma pela mão. Justo quando a música forte era o tema do *Vertigo* de Hitchcock, que conheço de carteirinha. Liguei com *Manderley*, e pensei, é ele de novo.

No geral as cenas eram no coletivo e os atores não interagiam com o público mas essa mulher me convida para um quarto, me diz para sentar e ainda mais, me tira a máscara!! Ninguém

tinha dito que eles podiam! Passa a mão no meu rosto e diz - como você está cansada, vou buscar algo para você beber. Tira não sei de onde um copo com uma bebida branca e me oferece. Beem obediente, bebi, e como não era para falar, simplesmente não pude dizer nada. Mas bebi com a convicção - que naquele momento senti no corpo e na fantasia - de que aquela Lady Macbeth poderia estar me envenenando!

Me tranquilizou reconhecer a bebida, leite. Mas ainda "era e não era"! Sopro do Unheimlich em mais uma de suas propriedades: quando cai o jogo do "como se" e acontece o "arrepio do perigo": é a hora do "isso me concerne"...

Mergulho. Teatro de imersão. O diretor diz que algo da inspiração da peça veio de uma música - onde a expressão "sleep no more" está na letra - e que teria relação com o gênero *noir*: esse arrepio do perigo. Essa intensidade do perigo pulsando também no mundo do teatro épico ou na tragédia.. Assim Shakespeare, mais a colagem de muitas narrativas, na simultaneidade.

A expressão "Sleep no more" na peça de Shakespeare, é o que Macbeth diz ouvir, como vozes que irrompem, gritam e o acompanham nos corredores do palácio, justo quando volta a seu quarto depois de cometer o assassinato do rei. Logo do ato, vem o retorno do mortífero convocado pela sua ganancia pela coroa que o faz "matar o rei/pai", e que aparece como o estranho na alucinação: as vozes gritam "Sleep no more" para Macbeth. E quando Machbeth já é rei, na celebração com sua corte e cavaleiros ele vê o fantasma de Banquo, que ele também mandou matar, adentrando a festa. A perturbação o faz falar, e o denuncia.

É também com Shakespeare que Lacan introduz o Unheimlich em seu seminário sobre a angústia. Lacan chama a atenção em Hamlet para a "cena dentro da cena" ( referencia ao trabalho de Otto Rank), e em especial para a perturbação enorme, a agitação em Hamlet quando na peça encenada o personagem comete o assassinato do rei. Lacan vai dizer que é ali que Hamlet se encontra, no lugar do assassino, primeiro. Para só depois derivar para a posição de quem deve vingar o assassinato; e no trajeto entre essas duas posições, todas as vacilações.

Macbeth também vacila, mas é empurrado pela mulher. Ele mata o rei em sua propria casa, seu próprio *heim* ( de Macbeth), e retorna já ouvindo as vozes. Ela, Lady Macbeth, ao fim de tudo, se denuncia nas cenas de sonambulismo onde busca tirar as manchas de sangue das mãos, lavando e enunciando os crimes, que são escutados por sua criada.

Sleep no more. Um caleidoscópio de passagens. No conjunto, em muitos momentos, o que se via, o que se formava - para logo se desfazer na próxima cena - éramos todos nós espectadores, de máscaras; e os atores "sem máscara nenhuma". Inversão interessante, onde por vezes parecíamos formar em torno dos atores um côro silencioso, fantasmagórico e anônimo, que também contava no sustentar da cena.

Quando Freud inicia seu texto sobre a Gradiva de Jensen, diz que entra no livro buscando saber se o sonho na ficção segue as leis do sonho "sonhado". Ele vem justamente do contexto da Interpretação dos Sonhos e da Psicopatologia da vida cotidiana.

Em Sleep no more é como se o desafio pudesse ser criar o Unheimlich nesta proposta do teatro de imersão, em diálogo com a tragédia e com o genero noir.

O diretor Felix Barret diz " I was incredibly drawn to the noir environment. It's all about shades of light in both a figurative and a literal sense.[...] it was an easy leap from film noir to *Macbeth*

as Shakespeare's play has all the classic noir motifs: passion, a femme fatale and a paranoid, power-obsessed man who'll do anything to get what he desires." ( Eu me senti impressionantemente atraído pelo ambiente noir. É tudo sobre sombras de luz tanto no sentido figurativo quanto literal. [...] Foi um salto fácil do filme noir para Macbeth, uma vez que as peças de Shakespeare possuem todos os traços noir clássicos: paixão, uma mulher fatal e um paranóico, um homem obcecado pelo poder que fará qualquer coisa para conseguir o que deseja.)

Barret diz que tende a trabalhar com textos clássicos pelo fato de que muita gente já tem uma relação com eles, e que isso ajuda a ter uma linguagem compartilhada com o espectador (the audience) quando a experiência do espetáculo não é linear.

Ao mesmo tempo, o espetáculo é uma colagem de narrativas que saem da narrativa principal, que emergem do universo da peça, que podem sair e se desenvolver a partir de um detalhe do main stream.

Partindo de uma espécie de tecido familiar, compartilhado, vão se introduzindo os elementos do estranhamento, como aquele primeiro e muito potente, o da desorientação, na primeira travessia no escuro. Logo, a entrada em um cenário de outro tempo, Manderley. A carta - como algo do destino ou do acaso.

As figuras do estranho como os autômatos, estão na infinidade de movimentos repetitivos em algumas cenas, como o do concierge do hotel, listando e listando os hóspedes - e que também parece o funcionário perfeito. Outra figura do estranho, a do duplo, se encena conosco, o espectador mascarado, replicado em tantos outros com os quais cruzamos incessantemente. Ainda o feminino também como figura do Unheimlich - uma mulher em desmedida, a loucura, o sangue, a louca que lava sem descanso e que rodopia desvairada pela cama; e mais mil pequenos recantos por onde nossas fantasias podem ser convocadas a produzir mais ficção. Sleep No More, incrível espaço de arte. Arte com um olhar que também é fio condutor do Unheimlich de Freud: abordando uma outra concepção da estética: aquela que ressalta o perturbador, o angustiante, o mal-estar ( o que constituiu um marco também dentro do campo da Estética). E que Lacan vai retomar acentuando as relações com essa dimensão do fantasmático que pode ser Unheimlich - onde o sujeito perde totalmente qualquer autonomia ficando perigosamente como objeto oferecido ao gozo do Outro, dinâmica dos pesadelos. Unheimlich, manifestações de lugares não castrados, onde a irrupção vem com caráter terrorífico, presença angustiante, "onde o que deveria ficar oculto se manifestou". Noção que pode nos ajudar a pensar questões de nosso tempo ( por exemplo, como a loucura se manifesta na contemporaneidade, as guerras, os assassinatos nos fundamentalismos, ou questões mais cotidianas como as alienações no fascínio da tecnologia... O "escuro de nosso tempo", como diz Agamben em seu texto "O que é o contemporâneo". Nessa direção vai Sleep No More, incrível recriação de sonho e pesadelo.

Lucia Serrano Pereira (APPOA)  
Grupo de Grupo de Trabalho - Unheimliche